



PARA UMA VIDA DE ORAÇÃO

João Luís Fontes (Historiador, membro da CE da Rede CCC)

Entramos, neste mês de dezembro, numa dinâmica diferente. Ao tempo que se torna ainda mais agreste, com a chuva e o frio, conduzindo-nos nos seus dias cada vez mais curtos até ao solstício de inverno, junta-se o terminar de um ano, com os seus inevitáveis balanços, entre o que lográmos alcançar e o que continuamos a adiar ou sem tempo para concretizar.

A liturgia coloca-nos na perspetiva da tensão entre o já e o ainda não, na dinâmica do desejo e da esperança, da escuta e do acolhimento de uma presença que exige um coração atento e disponível, capaz ainda de sonhar o futuro e acreditar na surpresa da vida. Coloca-nos perante o olhar as figuras do Batista, de José, de Maria, dos profetas... dos que souberam esperar contra toda a esperança, que descobriram nos sinais do mundo e da vida um sentido, um projeto, uma possibilidade de começar sempre de novo, de começar algo de novo...

Não por acaso, eles são-nos também apresentados como modelos de orantes: João que procura o silêncio do deserto e o despojamento indispensável ao saborear renovado da vida e à escuta dos seus sinais; Maria, que joga a sua vida no diálogo com o Mistério que presente ser o caminho da sua plenitude e que tudo guardava e meditava no coração; José, o homem silencioso, discreto, atento aos outros, um e outro diligentes no cuidado

dos que sabiam necessitar da sua atenção e do seu tempo. Em qualquer um deles, não encontramos conflito ou oposição entre luta e contemplação, entre escuta orante e silenciosa e a urgência do cuidar e do agir.

Na verdade, nada nos compromete mais do que a oração. Nela nos amassamos, na bela expressão de Sophia de Mello Breyner, como louvor e protesto, deslumbre e paixão. Ela reconduz-nos ao essencial, faz-nos perceber a nossa fragilidade e a nossa sede de comunhão e de plenitude, reconduz-nos para a experiência de um amor que, porque nos amou primeiro, nos liberta de todo o sentido de posse e de domínio para podermos amar com verdade.

É esse amor que nos faz despertar para a fraternidade que somos chamados a viver, não só com os nossos irmãos e irmãs, mas com todas as criaturas. Isso mesmo nos relembra o Papa Francisco no capítulo final da *Laudato si'* e na mais recente Encíclica *Fratelli tutti*. A conversão a que somos chamados é também uma conversão ecológica, e essa não se faz sem a oração, a partir de dentro. Assim poderemos acolher a vida que em cada dia se renova e nos é dada. E perceber a força desta humanidade e deste mundo que no Menino que nasce em Belém são assumidos pelo próprio Deus, fazendo deles o caminho onde Ele ainda hoje se revela e se diz.